

entrevista



“Quem transforma a sociedade é o povo organizado”

Entrevista com
Vera Baroni

por Verônica Ferreira e Carmen Silva

De certa forma, uma história de vida representa também a história de um determinado contexto social. A vida de Vera Baroni está inserida no contexto da luta popular, de defesa dos direitos humanos, do enfrentamento ao racismo, da militância partidária, das lutas das mulheres. A entrevista que fizemos com ela, em outubro de 2012, revela um contexto no qual a articulação da resistência esteve no centro dessas lutas.

Integrante da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras – AMNB e da Rede de Mulheres de Terreiro, Vera nos conta da organização das mulheres negras no Recife. Entre os relatos dos momentos mais difíceis, na ação política e no cotidiano, ela narra como construiu seu viver desde que compreendeu que “quem transforma a sociedade é o povo organizado”, um dos sentidos que destaca ao falar sobre sua trajetória.

Vamos começar pedindo para você se apresentar e falar do início de sua trajetória de vida e militância, resgatando o contexto no qual ela esteve inserida.

Vera Baroni – Primeiro a minha identidade. Eu me chamo Vera Regina Paula Baroni, nasci no Rio de Janeiro há 67 anos, no dia 16 de maio de 1945, e passei minha infância e adolescência no Rio, até 1967, quando então saí do Rio e comecei outra situação de vida diferente daquela de viver na casa do pai e da mãe. Eu perdi minha mãe aos oito anos de idade. Sou a mais velha de quatro irmãos. Meu pai vinha do norte de Minas e minha mãe vinha da Bahia, de uma cidade bastante importante que é Cachoeira, que é a maior de referência para o Candomblé baiano e é lá que mora aquela entidade importantíssima de mulheres de terreiro, que é a Irmandade da Boa Morte. Então, fui uma criança feliz. Meu pai era policial, mas também era motorista de táxi; minha mãe era lavadeira, foi doméstica antes e a gente morava numa casa de cômodos, aquelas casas muito grandes, na qual moravam muitas famílias. Alguns espaços eram comuns, como as áreas de serviço, a cozinha, os pátios. Eu fui criada numa casa dessas e sai de lá em 1967. Minha casa no Rio de Janeiro era em Laranjeiras, num lugar assim bastante conhecido em frente à chamada Bica da Rainha, próximo ao Corcovado. Nessa época, eu era muito ligada à Igreja Católica, era uma ativista católica; passei, acho, por todas as organizações católicas. Eu fui Cruzadinha (Cruzada Eucarística), depois fui da Legião de Maria, depois encontrei a Juventude Operária Católica (JOC). Quando encontrei a JOC, mudou tudo na minha vida. Ali é que comecei a entender que era mulher, que vivia numa determinada classe social, e que as coisas não

eram como Deus queria, como a gente pensava. E vi que a igreja tinha uma importância, mas era uma igreja em que existia uma capacidade de crítica muito grande, através daquele método da Ação Católica, o Ver-Julgar-e-Agir, e eu me vinculei à JOC, mas era estudante.

Você não era operária, então o que te levou a participar da Juventude Operária Católica?

Vera – Eu não era operária, era filha de pais trabalhadores, mas não era operária, e nessa época estava fazendo o curso científico. Fiquei tão impactada que decidi mudar de curso: saí do científico e fui pro clássico. Antes eu queria ser médica, depois, quando conheci a JOC, não queria mais, queria ser assistente social e queria ser assistente social de operários. Quando terminei o clássico, não queria mais continuar estudando, queria entrar no mundo do trabalho numa fábrica, passar um tempo trabalhando para conhecer o mundo operário, para depois, então, se eu quisesse continuar... Eu acho que virei muito, como se falava naquela época, basista.

Era uma época, um contexto em que muitas pessoas ligadas a movimentos juvenis, sejam da Igreja Católica ou da esquerda marxista, fizeram este movimento de ir para uma comunidade popular ou ir trabalhar numa fábrica, ou ir pro interior viver como trabalhador(a) rural. Foi uma espécie de movimento, de tendência, não?

Vera – Sim, muita gente fez isso. Era em torno de 1964. Em 1962, comecei a ser alfabetizadora de adultos. Tinha a Ação Católica, ela inaugurou um tipo de alfabetização que era pelo rádio – eram as chamadas Escolas Radiofônicas.



Como parte do Movimento da Educação de Base (MEB)?

Vera - Exatamente, o Movimento de Educação de Base foi uma das primeiras organizações a ser considerada subversiva com o golpe de 1964 (golpe militar que instituiu a ditadura no Brasil). E eu era alfabetizadora de adultos no Colégio Sion, que é um colégio superfamoso lá no Rio, no qual a elite estudava. Eu era adolescente, eu ia todos os domingos à missa no Sion, depois ficava para uma espécie de catecismo, uma espécie de orientação para jovens pobres. Quando fiquei sabendo da existência dessa Escola Radiofônica, eu já queria muito alfabetizar, porque no bairro onde morava, Cosme Velho, um bairro de classe média alta, havia algumas *cabeças de porco*, como eles diziam, que eram as casas de cômodos. Havia muitas trabalhadoras domésticas, muitos operários da construção civil, estavam construindo muitos prédios e esse pessoal era praticamente todo analfabeto. Eu queria fazer minha boa ação, que era alfabetizar essas pessoas. Aí falei com uma irmã lá no Sion, lá havia algumas freiras que eram bastante progressistas, inclusive a madre superiora, que era alemã, e havia outras extremamente conservadoras. Mas consegui que elas liberassem uma sala para fazer essa alfabetização e comecei a alfabetizar. Depois nós fundamos um clube, porque essas pessoas não tinham uma alternativa de lazer. Nos domingos à tarde, nos reuníamos no Sion, era enorme o colégio, para poder fazer umas festinhas, jogar dama, enfim, fazer algumas atividades de relaxamento. E conseguimos que uma parte da congregação achasse legal a ideia e assumisse, e outra parte começasse então a fazer pressão para que a gente saísse do colégio. Porque aconteceu até de algumas alunas saírem por causa dessa alfabetização. As

pessoas diziam: “Como minha filha vai estudar num colégio onde a minha empregada vem dançar?” Então, foi numa tarde dançante que a madre superiora levou uma pessoa que estava visitando a congregação, que fez um retiro lá para as freiras – um padre operário chamado Paul Gauthier.¹ Era padre e professor de um seminário famoso na cidade de Dijon, na França, e decidiu viver como Jesus. Então ele foi para a Palestina. Em Nazaré (Palestina), começou a trabalhar como ajudante de pedreiro e se tornou operário. Existiam pouquíssimos padres operários naquele momento, era um movimento dentro da Igreja Católica que estava nascendo, havia os Irmãos de Taizé, que também viveram uma vida muito simples, mais voltada para a espiritualidade.

Era um momento de grande renovação na Igreja Católica, no sentido de abrir-se ao mundo e voltar-se para os menos favorecidos, no contexto do Concílio Vaticano II, depois a Teologia da Libertação. Isso influenciou as suas opções de vida?

Vera – Exato, muito. Os padres operários estavam começando a se organizar, nem todos os bispos da França aceitavam. Como Paul teve muita dificuldade em Dijon, foi embora para Nazaré, começou a trabalhar e, no trabalho que fazia, conseguia manter uma relação com os judeus e os palestinos. Isso foi antes do Concílio Vaticano II e, no Concílio, ele conseguiu ser assessor de um bispo da Galileia de cujo nome não me recordo mais. Esse bispo atuou junto a outros do mundo todo, inclusive com muitos brasileiros: Dom Hélder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom João Batista da Motta e Albuquerque, Dom Frago, Dom Pedro Casaldáliga, Dom José Austregésilo, que era daqui de Pernambuco, do sertão. Foi um grupo de bispos

que começou a se articular e fundou, dentro do Concílio, um movimento que produziu uma coisa chamada Pacto das Catacumbas. Foi um pacto de, ao voltar para suas cidades, eles irem trabalhar preferencialmente pelos pobres. Foi aí que começou a aparecer aquela história da Igreja dos Pobres e não sei o quê, depois se confirmou nas conferências de Medellín e só depois em Puebla.² Então, eu venho um pouco desse movimento, minhas influências vêm daí.

CCF – Retomemos, então, do seu encontro com Paul Gauthier: como isso influenciou a sua vida?

Vera – Na visita dele ao colégio, a madre superiora quis mostrar o trabalho que a gente fazia e levou Paul Gauthier lá. A gente estava numa festa dançante e ele ficou lá algumas horas com a gente, conversou muito dos sonhos, das utopias e, quando foi embora, ele me convidou para uma visita. Ele morava em Vitória (ES), porque, depois do Concílio, ele foi convidado por Dom João Batista da Motta e Albuquerque, que era o bispo de Vitória, para conhecer o Brasil. Ele constituiu uma comunidade chamada Companheiros de Jesus, que era já do movimento que ele, como padre operário, começou a fazer a partir de Nazaré. Há vários livros publicados sobre a experiência dessas comunidades. Ele me convidou para conhecer essa comunidade. Isso foi em 1966. Aí eu fui, fiquei uma semana. Na comunidade já havia duas mulheres, duas francesas – Maria Tereza e Cláudia. Na comunidade dos homens, que era um pouquinho maior, tinha Paul Gauthier, Tilden Santiago, que era seminarista e depois voltou para Minas, fez jornalismo, foi deputado, enfim, fez a carreira dele lá em Minas. Elas moravam num lugarzinho lá em Vitória chamado Ilha do Príncipe, que era na entrada da cidade: em

cima, um morro e, embaixo, uma comunidade estava se constituindo a partir de ocupação de um espaço alagado, a prefeitura colocava o lixo ali e as pessoas iam botando terra por cima e construindo, e hoje é um dos bairros mais chiques de Vitória. Maria Tereza e Cláudia já tinham contato com várias mulheres no bairro, já discutiam as condições de vida, as condições de vulnerabilidade política, com muito cuidado porque eram estrangeiras e tal. Fiquei muito maravilhada porque eu também era assim, a gente vivia uma situação muito difícil, por conta da repressão, muitas pessoas foram presas. Muitas pessoas tinham sido mortas. Eu tinha uma amizade muito grande com a minha professora de Literatura e ela me contava muita coisa, eu acho que ela era ligada a algum grupo, porque de vez em quando desaparecia um amigo dela, um professor amigo, aí ela confidenciava muita coisa, era aquele período da repressão muito forte. Eu vou a Vitória e encontro essas duas mulheres estrangeiras fazendo um trabalho que era de conscientização política. E aí o que acontece? Eu decido morar nessa comunidade, ser também uma Companheira de Jesus. Eu chego em casa e digo pro meu pai que dali a 15 dias ia morar em Vitória. Foi aquela confusão da peste, mas eu estava muito decidida e disse: eu vou. Arranjei umas três lavagens de roupas e tinha um dinheirinho meu. Comprei a passagem e fui embora para Vitória.

Já foi para Vitória morar na comunidade? Nesse momento você já tinha a perspectiva de realizar um trabalho de engajamento político?

Vera - Já fui direto, já para morar. Maria Tereza e Paulo estavam voltando para Nazaré, porque lá havia uma comunidade também e eu fiquei com Cláudia, aí realizei

meu sonho. Ela conseguiu emprego na Braspérola e eu era empacotadora numa empresa que fazia refinação de açúcar. Cláudia também dava aula de francês.

E você ficou em Vitória, vivendo na comunidade e trabalhando na fábrica?

Vera - Nós saímos de lá depois de maio de 1968. Na Europa, houve a história dos estudantes da França. E deu naquele movimento de 1968 e aqui teve toda uma movimentação também dos estudantes, mataram Edson Luís no Rio, teve aquela Passeata dos Cem Mil, eu fui àquela passeata. Eu morava em Vitória, mas quando soube da passeata, foi “eu vou, eu vou, eu vou”, e fui.

Foi para o Rio somente para ir à passeata?

Vera - Para a passeata. Nós já tínhamos, entre nós, na comunidade, uma discussão do caráter da sociedade brasileira, tínhamos divergências porque parte da comunidade entendia que o caráter da sociedade brasileira era pré-capitalista, então a industrialização ia ser o *boom* nesse país. São Paulo era “o” lugar, quem quisesse fazer alguma coisa para mudar a sociedade tinha de ir para São Paulo. E outro grupo do qual eu participava achava que não: o caráter da sociedade brasileira é agrário, então vamos precisar de muito tempo para que as massas camponesas saiam para as cidades.

Este pensamento era um divisor de águas também na esquerda em geral, não?

Vera - Sim. A AP (Ação Popular) pensava como nós e, nessa época, também já tínhamos muitos contatos. Primeiro com a AP, depois com a VAR-Palmares.³ Muitos jovens

Então a gente disse: “quero estar onde as coisas vão acontecer”. Um grupo veio para o Nordeste e um grupo foi para São Paulo. Nos separamos. Eu estava no grupo que pensou em vir para o Nordeste, e viemos.

foram para a base da sociedade e lá iam encontrando as pessoas, e o nosso grupo era todo jovem, gente de muitos lugares, várias experiências... Nós nos dividimos depois de maio de 1968, a gente achava que realmente podia. Havia a guerra do Vietnã, os vietcongues com a gota serena, a gente pensou: “pronto, o Brasil vai ser dividido: Hanói vai ser Recife e Saigon vai ser São Paulo”. Um grupo veio para o Nordeste e um grupo foi para São Paulo. Nos separamos. A ideia era “estar onde as coisas acontecem”. Eu estava no grupo que pensou em vir para o Nordeste, e viemos. Chegamos aqui no Recife, mas Dom Hélder estava viajando, então fomos à Paraíba encontrar Dom José Maria Pires, ele convidou para ficar. A gente pensava em voltar para o Recife e voltou.

Era uma experiência de vida religiosa? Vocês viviam, homens e mulheres, em comunidade?

Vera – Era uma comunidade religiosa, que também fazia discussão política. Os homens moravam no Bode e nós, mulheres, morávamos no Pina, em Brasília Teimosa.⁴ Em 1968, morávamos em Brasília Teimosa, eu arranjei um

emprego como fiandeira na fábrica Santista, que estava começando. Cláudia não conseguiu logo emprego e começou a dar aula de Francês, porque havia a questão da sobrevivência. Moramos aqui um tempo, só que a gente começou a conversar e também a fazer algumas críticas à igreja institucional, e Dom Hélder foi ficando meio apherreado com a gente. Para não entrar em conflito com ele, fomos para a Paraíba, naquela época tinha um pouco o espírito de aventura, de querer estar em lugares diferentes. Na Paraíba, Dom José Maria Pires disse: “Tenho um projeto para vocês”. As mulheres vão morar em Alhandra, porque naquele tempo havia muito conflito lá por conta do domínio dos Lundgren, que tinham terra que ia de Alagoas até o Rio Grande do Norte, o litoral todinho, e também em Alhandra tinham quase todas as fiações, tecelagens...

Nesse período eclodiram muitos conflitos agrários. A situação em Alhandra (PB) era conflito pela posse da terra?

Vera – Havia um conflito em Alhandra que envolvia um padre de lá. Dom José Maria Pires era amigo do presidente

“(...) o desejo de mudança da sociedade fazia com que a gente vivesse uma utopia tão mergulhada na realidade, tão fundamentada no evangelho, que a gente sabia que vivia num regime de exceção, mas não aquilatava o risco que corria”.

do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Ele queria fortalecer o sindicato, mas não queria abrir um conflito com os Lundgren. Queria que fosse feito um trabalho de base. Aí juntou a fome com a vontade de comer. A gente encontrou um sítio pequenininho: vamos plantar, criar galinha... Eu não sabia nem como se pegava numa enxada, mas aprendi tudo. Os meninos, que moravam em Gramame (PB), que é perto da entrada de João Pessoa (PB), começaram a ter muitos problemas, porque o exército vinha fazer treinamento no sítio próximo a onde eles moravam e, quando souberam que havia ali um grupo de rapazes, ninguém da Paraíba, que estava morando ali, plantando inhame, disseram: “não, isso é subversivo!”

E vocês se consideravam subversivos?

Vera – Era mesmo, mas só que, naquela época, havia a mistura com o evangelho, sabe? E o desejo de mudança da sociedade fazia com que a gente vivesse uma utopia tão mergulhada na realidade, tão fundamentada no evangelho, que a gente achava, assim, sabia que vivia num regime de exceção, mas não aquilatava o risco que corria. Uma noite, seu Bulandi (presidente do STR) chegou lá, de madrugada, e disse: “Olhem, vocês vão ter de sair daqui”. “Por que é que a gente vai ter de sair?” “Porque a situação está muito grave, mataram Padre Henrique”. Padre Henrique era o padre que participava da JEC,⁵ aqui no Recife, que foi assassinado pela ditadura. “Vocês não podem continuar aqui porque vivem isoladas e pode acontecer alguma coisa”. Aí a gente considerou, voltou para o Recife, voltou para Brasília Teimosa, mas querendo voltar para o campo. Eu pensei: “vou fazer alguma coisa que me permita morar

ou no campo ou na cidade. Vou estudar Enfermagem”. Foi aí que decidi fazer Enfermagem. Fui para a escola Nossa Senhora das Graças. Eu tinha o segundo grau. Não queria fazer o curso de graduação, queria fazer uma coisa rápida que me permitisse arrumar um trabalho. O curso de graduação era de quatro anos, curso para enfermeira, aí eu fiz o curso técnico de Enfermagem para poder voltar para o campo. Havia o grupo das mulheres e o grupo dos homens. João era companheiro. Aí a gente acabou se apaixonando um pelo outro e nos casamos em 1971, já aqui no Recife.

Esse período, quando você estudou Enfermagem e se casou, o início da década de 1970, foi um período de grande fechamento político no país, a ditadura estava no auge. Você continuou engajada mesmo assim, vivendo na comunidade religiosa?

Vera – Nesse período a gente já tinha dissolvido os Companheiros e Companheiras de Jesus. Uma parte foi para São Paulo e outra ficou aqui no Nordeste. A gente se comunicava, mas não vivia mais em comunidade. Eu me casei, alguns voltaram para a França...

E você ainda tinha alguma atuação política? Como é que foi seu engajamento depois da vida em comunidade religiosa?

Vera – O nosso engajamento era uma coisa muito sutil. Ficamos ligados a uma pessoa da Paraíba, mas que morava aqui e era vinculada a ALN.⁶ Então, como eu trabalhava no hospital, era aquela pessoa que tinha que ficar de sobreaviso para um momento em que alguém estivesse ferido, eu fosse atender. Era uma responsabilidade, eu vivia com o coração na mão. Eu dizia: “Meu Deus, se for alguma coisa muito grave, o que eu vou fazer? Eu não vou tirar a bala se tiver...”

Enfim, nunca precisei ir, pedia tanto, tanto, tanto a Jesus de Nazaré que não me colocasse naquela situação porque, com certeza, se fosse uma coisa muito grave, eu não ia poder assumir nenhuma responsabilidade. Nunca aconteceu. Eles fizeram muita coisa, fizeram treinamento... A gente tinha um contato com a VAR-Palmares, um companheiro era o nosso contato, mas a gente não se reunia...

E como você estava depois desse período de exceção na década de 1970, naquele momento da virada para a década de 1980, quando começaram o movimento de organização de comunidades eclesiais de base e os novos movimentos sociais?

Vera – A gente era ligada à igreja institucional católica – só que em outra perspectiva. Eu e o João, a gente funcionava como apoio aos grupos, as pessoas dos grupos que precisavam dar uma passada aqui ou sair do país, um documento, fazer uma coisa, trocar dinheiro... A gente vivia uma vida legal, mas fazendo o apoio para esses grupos. No final de 1969, fomos presos, eu, João, Cláudia, Tilden, um grupo de oito ou nove pessoas. No feriado de finados de 1969, na morte de Carlos Marighella. Tínhamos combinado que íamos aproveitar o final de semana para ir a uma praia para ler o evangelho. O João tinha acabado de chegar ao Brasil. Fomos para Maria Farinha. Nessa época, de Rio Doce⁷ para frente era só coqueiro. A gente encontrou um lugar que, por coincidência, era da família Lundgren. Aí conversamos com o responsável pela área, dissemos que éramos um grupo de católicos, que íamos aproveitar o feriado para passar na praia, acampar, ler o evangelho... Ele deixou a gente ficar, mas ligou para o patrão, dizendo que um grupo de jovens estava lá para ler o evangelho. Aí



o cara avisou ao IV Exército. À noite, percebi que uma luz vinha na nossa direção, que se deslocava na nossa direção, e falei. Ninguém acreditou em mim. De repente, a luz desapareceu e dali a pouco... “Ninguém se mexe! Todo mundo com a mão na cabeça! Os homens para direita, as mulheres para esquerda!” A gente estava cercado por soldados do IV Exército. Eles achavam que a gente era subversivo. Já pegaram nossas coisas, botaram dentro de uma Rural e levaram a gente para a delegacia. A delegacia não quis ficar com a gente, porque eles entregavam para a Polícia Civil. Aí a (Polícia) Civil disse: “De jeito nenhum, aqui a gente não tem como prender subversivo, não. Leva pro Dops”. Aí fomos para a Rua da União. Ficamos uns cinco

dias presos, incomunicáveis; fomos interrogados várias vezes, não sofremos violência física, mas muita violência psicológica. Foram na nossa casa, reviraram tudo, pegaram muitos livros. Naquele tempo, você ter um livro que tinha a história do colonialismo ou que falava de Che Guevara, de Mao Tsé-tung, era subversivo. Mas na nossa casa havia também muitas bíblias – em francês, inglês, árabe. Acho que, por conta disso, eles não fizeram nenhuma violência física, mas ameaçaram muito. Enfim, nos salvamos porque havia um padre aqui, chamado Dom Basílio Penido, que era do mosteiro de São Bento, e todo dia ele visitava o Dops. Ele tirou muita gente. Era chamado Dom Abade. Muito respeitado, amigo de todos os comandantes. Quando ele foi, na segunda-feira, e nos viu lá, presos – havia muita gente, eles tinham prendido na véspera trinta pessoas da AP, no Cabo de Santo Agostinho (PE), que estavam cortando cana –, a gente conseguiu sair no outro dia.

E como você se situa no momento da retomada do processo de democratização?

Vera – Como fiz o curso de Enfermagem, procurei me associar a um sindicato, que era o Sindicato de Trabalhadores de Enfermagem, que incluía também técnicos, massagistas... Eu cheguei ao movimento sindical da saúde, de Enfermagem; o João trabalhou como motorista de táxi, depois fez um curso de eletricista e foi trabalhar numa fábrica, na Phillips – ele era metalúrgico, aí já se vinculou ao movimento dos metalúrgicos. Em 1977, 1978, quando começava a retomada, a gente participou aqui da articulação das oposições sindicais, da Anampos⁸ e tudo isso. A gente se reunia no Sindicato das Domésticas, que era na Conde

da Boa Vista, onde hoje é a loja Riachuelo, porque ao lado, onde hoje é o shopping, era o Giriquiti, o prédio da Diocese.

O Sindicato das Trabalhadoras Domésticas abrigou, então, muitos sindicatos e a retomada dos movimentos sociais em Recife?

Vera – Muitos. Muita gente se reunia lá. E ainda havia um grupo de católicos, Henrique (Cossart) e outros padres progressistas, e a gente se reunia lá numa coisa que a gente chamava ‘a sopa’, porque toda vez que a gente ia lá para se reunir, elas faziam uma sopa. Então ficou sendo chamado o ‘grupo da sopa’. A gente participava do movimento ligado a Dom Hélder, que era chamado de ‘encontro de irmãos’. Eu morava no Córrego do Jenipapo e participava do ‘encontro de irmãos’ de lá. No bairro não havia uma farmácia, não havia nada. Eu trabalhava no (hospital) Restauração, então a minha casa passou a ser quase um posto de saúde, porque alguém ficava com dor de barriga, ia lá perguntar o que tomar; um menino fazia um corte e ia lá para fazer o curativo; precisava tomar uma injeção, ia lá. Eu fui ficando como uma referência de saúde no bairro. Aí decidimos, num ‘encontro de irmãos’, criar um grupo de saúde. Naquele momento, estava chegando aqui no Recife o Celerino Carricone.⁹ Os primeiros contatos de Celerino foram lá no Córrego do Jenipapo.¹⁰ O movimento de agentes comunitários de saúde nasceu no Córrego do Jenipapo, com o médico Paulo Santana e as pessoas que faziam esse trabalho. A gente já fazia uma coisa e outra, eu trabalhava, dava plantão, 12 por 36 (horas), à noite – quer dizer, todo dia eu estava no Restauração, um dia entrando, um dia saindo, mas já tinha filhos.

Nos conte um pouco sobre sua vida em família, seus filhos e filhas, como você foi conciliando a militância com a vida familiar?

Vera – Tive dois filhos. Um casal, Irani e Ernesto. Quando moramos em Crateús (CE), João era empregado da Diocese na equipe de educação para cooperativas e eu fiquei na cidade. Lá eu fazia o que fazia no Córrego do Jenipapo: o grupo de leitura do evangelho. Aí teve uma cheia, muitas pessoas perderam suas casas, daí resolvemos fazer um movimento para levantar as casas, junto com a Diocese, um movimento de bairro, em Crateús. Quando saímos dali e fomos morar em Lajedo, perto de Garanhuns (PE), foi muito difícil, porque pegamos dois anos de seca, muita dificuldade. Aí voltamos para o Córrego do Jenipapo, no Recife. Ao voltar, me engajei no movimento de ‘encontro de irmãos’, estudava Enfermagem, trabalhei um tempo na fábrica da Alpargatas e continuava ligada ao movimento de bairro. Depois entrei no sindicato, participei do Entoes¹¹ e de todo aquele primeiro momento de greves.

Como ocorria essa relação entre movimento popular e movimento sindical? Que tipo de apoio era necessário? Como vocês atuavam: juntos ou nos vários movimentos ao mesmo tempo?

Vera – Vou dar um exemplo: um companheiro daqui chamado Alcino (da Silva Ferreira), tinha uma cobra¹² que saía no carnaval – na verdade, era uma chita, ele fez uma estrutura de ferro, aí a chita cobria e a gente entrava embaixo e saía na cobra de Alcino. Ele emprestou a cobra, nós andamos Casa Amarela¹³ todinha arrecadando material, comida, dinheiro para os metalúrgicos de São Paulo, lá do ABC, quando fizeram a primeira greve. Nesse tempo, eu já não estava mais vinculada ao movimento de bairro. Estava

no movimento sindical. A gente foi ganhando as eleições, primeiro os urbanitários, depois os médicos, os bancários, os metalúrgicos e aí todo o mundo das oposições ajudava as outras categorias por ocasião das eleições naquele sindicato. A gente fazia, aqui no Recife, um trabalho nos bairros, e a gente tinha um instrumento que era o *Jornal dos Bairros*, no qual se botava todas as notícias. O *Jornal dos Bairros*¹⁴ era arretado, a reunião de pauta tinha mais de cem pessoas de bairros diferentes. A gente tinha grupos, um trabalhava meio ambiente, outro infraestrutura e saneamento. Eu era ligada à área de saúde. Nesse período, começou a pipocar associação de moradores em todo lugar. Algumas até já eram velhas, e as pessoas que estavam na direção eram, muitas vezes, ligadas à direita, inoperantes. A gente dizia que eram todos pelegos, e começamos a fundar associação ou a tomar a direção de associação de antigas lideranças. Nessa época, o prefeito do Recife era Gustavo Krause e ele começou também a fundar associação de moradores. Onde tinha conselho de moradores, ele fundava uma associação; onde tinha associação, ele fundava conselho. E foi uma disputa muito grande entre o movimento popular e a Prefeitura de Gustavo Krause, que era apadrinhado por Marcos Maciel (governador). Eu ficava para lá e para cá, eu estava dentro do movimento sindical, mas morava no Córrego do Jenipapo, então eu tinha o pé dentro do movimento popular, mas já não estava à frente do movimento popular como estive havia um tempo. Tinha a Feaca, que era a Federação de Associação de Moradores de Casa Amarela, que era ali em Nova Descoberta, a articulação com o movimento Terra de Ninguém, que era a retomada das terras de Casa Amarela... Eu tinha um pé um pouco em cada um desses movimentos. O movimento

feminista e o movimento negro também se articulavam, mas não estavam fazendo trabalho nem sindical, nem de movimento popular, mas a gente tinha uma relação, tanto é que quando o movimento negro se afirmou e eu estava na direção do Sindicato de Trabalhador de Saúde Pública, nosso sindicato bancou o movimento negro, fazendo jornal, pagando encontro, trazendo pessoas de fora, enfim, a gente tinha um compromisso com o movimento.

Como você chegou ao movimento de mulheres?

Vera - Nesse período, eu já era amiga de Dulcineia. Aí chegaram a Recife duas cariocas: uma chamada Sônia Correa e outra chamada Angela Freitas. Elas eram da equipe do SOS Corpo e se reuniam, no começo, ali perto de Santo Amaro, depois foram para a Rua do Hospício. Essas reuniões contribuíram para que as mulheres que atuavam nos sindicatos, nos bairros e outros espaços pudessem se fortalecer do ponto de vista organizativo a partir das reflexões trazidas pelo feminismo, começando pelo conhecimento do próprio corpo, numa linguagem compreensível e respeitosa. Eu não era, vamos dizer, frequentadora assídua, mas sempre tinha relação. Isso fez com que, quando entrei de cabeça na direção de um sindicato, a gente logo constituísse um grupo de mulheres sindicalistas. Da mesma maneira que nós ajudamos, na CUT, a fundar a secretaria de mulheres, que foi uma disputa muito grande, no movimento de bairros, a gente trabalhava para fundar os grupos de mulheres, que era um movimento que estava se afirmando, considerando também que a maioria das lideranças no movimento popular eram mulheres, mas não eram feministas. Muitas lideranças de bairro ficaram

muito mais próximas do movimento feminista. Lenira (Carvalho), que trabalhou no SOS Corpo, trouxe a categoria das domésticas para o movimento feminista e assim foi.

Foi nesse período a fundação do Fórum de Mulheres de Pernambuco. Como foi essa construção e a sua participação nesse movimento?

Vera - Havia também mulheres feministas que estavam na universidade, mas o SOS Corpo tinha como característica o trabalho com mulheres no movimento popular. Esse era um diferencial muito grande e que fazia com que nós estivéssemos sempre muito próximas do SOS Corpo e que muitas mulheres de bairro tenham ido para o Fórum de Mulheres. O Fórum de Mulheres se caracterizou por juntar as mulheres que estavam na academia, teóricas, que estavam escrevendo, pensando e, vamos dizer, registrando os avanços que o movimento de mulheres estava tendo, e as mulheres de bairros, que estavam trabalhando, lutando na sua associação de moradores, no seu bairro, no movimento sindical. Não era uma coisa assim bem definida naquele tempo, né?

Uma das características que se discute desse tempo de reconstrução dos movimentos sociais, no final da ditadura militar, é a pluralidade de espaços de atuação das pessoas. Naquele tempo também todo mundo atuava em vários movimentos – com você era assim?

Vera - Era. Eu estava no movimento sindical e também no movimento de bairro, mas não na linha de frente, não tinha muita consciência do feminismo, não. E, por meio do sindicato, ajudava a articular o movimento negro, outra companheira do sindicato batalhava pela questão das mulheres, outra tinha que segurar a questão da saúde no trabalho... era assim.

Mas quando é que, na sua vida, ocorre essa ideia de ser feminista?

Vera – Foi exatamente quando nós decidimos fundar, na CUT, a Secretaria de Mulheres. Várias companheiras eram atuantes, lideranças, mas elas se batiam contra nós porque a gente defendia que tinha de haver uma secretaria de mulheres, e elas não achavam necessário. A gente brigou tanto! E a gente tinha de ir aos encontros, tinha de fazer a luta no sindicato e se afirmar como mulheres que estavam transformando a sociedade – e isso, para nós, era ser feminista, mas tínhamos de lutar dentro das outras categorias para fortalecer aquelas mulheres que estavam lá e que nem tinham coragem de peitar os homens. Eu era dirigente sindical, então tinha peso para peitar. Eu tinha mais poder. Aí eu me aliava a algumas de outros sindicatos para a gente poder enfrentar.



E quando é que você passa a atuar com a organização de mulheres negras e, mais especificamente, com a rede de mulheres de terreiro? O que levou a essa opção?

Vera – Falar disso me faz voltar lá atrás, na minha infância... Eu tive um problema de pele que não conseguia curar e, aos 15 anos, a minha tia me levou a um terreiro. Nesse terreiro, fui curada, e no terreiro me disseram que eu tinha de, a partir daquela hora, me dedicar aos Orixás. Minha família fez a roupa, fez tudo, mas eu: “Não, não, não... Não quero, não quero. Tenho medo”. E fiquei até próximo aos cinquenta anos fazendo essa negação. Quando fundamos a Uiala Mukaji,¹⁵ uma pessoa fundamental para a gente ter coragem de tomar o impulso foi Ana Bosch,¹⁶ porque ela tira muita onda, né? Ela desafiava sempre a gente, no Fórum de Mulheres ela dizia que as mulheres negras não estavam organizadas, que tinham de se organizar. Em 2001, fui a Durban, na conferência contra o racismo,¹⁷ e lá fiquei com o movimento de mulheres negras. Sueli Carneiro, Nilza Iraci e Luisa Bairros¹⁸ pegaram no pé: “Não entendo por que vocês no Recife ainda não se organizaram. Eu quero que me expliquem”. A gente ficou pensando: “Pô! A gente é desafiada lá, é desafiada aqui... A gente tem de se organizar”. Aí um grupo pequeno de mulheres decidiu fundar a Uiala Mukaji.

“(...) se afirmar como mulheres que estavam transformando a sociedade – e isso, para nós, era ser feminista”

Como foi esse processo, em que ano, o que vocês decidiram fazer como organização de mulheres negras?

Vera – Em 2003, fundamos a Uiala Mukaji e uma das suas finalidades é retornar à origem das mulheres negras. Naturalmente, se você volta na história, chega a um terreiro. A Uiala Mukaji nasceu como uma sociedade de mulheres negras, mas por um grupo de pessoas de movimento, um grupo político. Nada a ver com religiosidade.

Como é que foi se desenvolvendo essa relação com a questão religiosa? Foi o grupo todo ou foi uma opção sua?

Vera – Começou com o nome. A gente queria botar um nome de origem africana, porque queremos nos afirmar como mulheres que têm uma trajetória histórica, que resistem e querem continuar a fazer essa transformação. Como é que a gente podia escolher o nome? Ninguém sabia nada de línguas africanas, nada. Então fomos consultar pessoas que conhecem mais a história do que a gente. Fomos atrás dos professores da universidade e de outras pessoas, como Inaldete,¹⁹ Lepê Correia, que é professor de História da África. Eu fiquei encarregada de falar com Manuel Papai, que é um babalorixá. Quem deu o primeiro nome para a gente foi Manuel Papai. O nome *Egué Iabá Dudu* quer dizer *Organização de Mulheres Negras* em iorubá. Quando levamos esse nome para discussão, já tivemos a primeira briga, porque havia pessoas que achavam que ia ser muito difícil se a gente usasse um nome como esse, que as evangélicas não iam se aproximar, e a gente tinha amigas mulheres negras que eram evangélicas. Depois as pessoas acharam o nome muito esquisito – *Egué Iabá Dudu*. Era muito esquisito. Então fomos de novo atrás de

um nome. O Lepê, que a gente considera padrinho da Uiala Mukaji, é professor e conhece muito a história da África, deu uma variedade de nomes, uns 12 nomes, todos com base na ideia de organizar as mulheres negras. Dentre os 12, nós gostamos deste, que quer dizer *resistência feminina*. A gente talvez não tivesse ainda muito conhecimento do feminismo, mas já sabia que era nessa direção que queria caminhar. E querendo ser honestas conosco mesmas, querendo conhecer a nossa história, queríamos levantar a história das mulheres negras aqui de Pernambuco, aí a gente chegou aos terreiros. Aí voltou aquela minha história lá dos 15 anos.

Você tinha essa lembrança da cura no terreiro aos 15 anos como uma coisa constante na sua vida ou retomou essa memória com o reencontro com a religião?

Vera – Não. É como se alguma coisa me puxasse e tirasse a venda dos meus olhos. Eu sabia que tinha de ir, mas queria um terreiro em que a regência fosse de mulheres. Nesse tempo, eu já frequentava o Xambá, que tinha Mãe Biu, mas quem estava sempre à frente era o filho dela, o Ivo, e havia o terreiro de Pai Adão, que é o mais tradicional, mais velho, mas à frente estava Manuel Papai, e eu queria um de mulher. Aí encontrei Maria Helena, no dia 8 de março. O Afoxé²⁰ estava se apresentando no Pátio de São Pedro e eu fui ver. Maria Helena me chamou ao palco e eu subi, toda envergonhada. Ela me chamou em consideração à Uiala Mukaji e me deu essas pulseiras... Não são pulseiras quaisquer – são sagradas para nós. Ela estava com uma pulseira no braço, tirou e botou no meu. Fiquei muito emocionada. Já fiquei toda arrepiada.

A partir daí, você passou a frequentar o terreiro de Maria Helena?

Vera - Eu fui ao terreiro uma vez. Quando cheguei, já fiquei arrepiada de novo e comecei a frequentar. Nós, da Uiala, queríamos conhecer essas mulheres, que são as nossas ancestrais.

Nesse mesmo período, muitas das organizações das mulheres feministas do movimento negro ou de organizações de mulheres negras começaram a buscar mais as religiões de matriz africana. Essa é uma situação que acontece com você ou foi mais geral?

Vera - A gente percebe que, dentro das organizações de mulheres negras, a questão religiosa vem ganhando força, independente até das mulheres se organizarem ou não como rede de mulheres de terreiro, como é o caso aqui em Pernambuco. A gente percebe que dentro do feminismo nas organizações de mulheres negras há uma presença forte da religiosidade na discussão, a retomada da memória, a questão da ancestralidade...

Como você vê esse momento?

Vera - Quase todas elas fizeram esse caminho. Quase todas as feministas negras. Poucas não são vinculadas a um terreiro. Algumas são vinculadas e, lá nos seus estados, elas participam de uma articulação de terreiro, e algumas são autoridades. Lúcia Xavier²¹ é uma autoridade dentro de um terreiro importantíssimo, que é o terreiro de Mãe Beata, e não é de agora. Muitas são muito mais antigas do que eu. Necessariamente, se a gente quer conhecer nossa ancestralidade, não tem outro caminho: você chega a um terreiro, você chega à religiosidade. Não tem outro caminho.

Você considera que isso ocorre porque os terreiros funcionaram como um espaço de resistência, como lugar de conhecimento?

Vera – Era um espaço de resistência, um espaço de repasse de um legado civilizatório de conhecimento e também para resgatar a sua origem. Minha mãe era de Cachoeira (BA), com certeza foi ligada a um terreiro. Eu não conheci isso em minha mãe, mas sei que ela tinha um cochichado com minha tia, que também era baiana, que desconfio que era isso, porque depois foi essa tia que me levou a um terreiro para curar a doença de pele.

Você acredita que sua mãe era do Candomblé, mas não vivia isso publicamente?

Vera – Naquela época, a gente estava saindo, no Brasil, do fato de os terreiros serem considerados casas de contravenção. A religiosidade era muito escondida. Na maioria dos terreiros não se tocava, só batia palma, entendeu? Não podia tocar, era tudo escondido. As pessoas não usavam contas como a gente usa hoje, porque isso ia te identificar como uma xangozeira, e ser xangozeira era um peso da peste! Da década de 1990 para cá, com o processo de redemocratização, a constituinte, isso fez com que as pessoas do movimento negro ou do feminismo que tinham identidade negra com o Candomblé passassem a não mais se esconder. A negação e a invisibilidade tinham o peso da discriminação e do racismo. Tudo era tão pesado que as pessoas tinham de se preservar de alguma maneira, assim como num determinado período as pessoas do Candomblé identificavam o orixá com um santo da Igreja Católica, porque, se não, não podiam reverenciar. Mas hoje há também muitas mulheres

negras do movimento que não são vinculadas, elas são respeitadas. E outras companheiras são companheiras de luta, feministas, mas não são necessariamente do Candomblé. Porque não é você que escolhe ir para o Candomblé, é o orixá que te escolhe, tem isso também, né?

Quando você entrou mais decididamente para o Candomblé, ainda tinha algum vínculo com o cristianismo que viveu na juventude? Ele seguiu com você ou fez uma ruptura com aquele catolicismo engajado? Como foi esse processo?

Vera - Na verdade, quando fui ficando mais adulta, fui verificando que uma coisa era o que o evangelho dizia e outra coisa era a igreja institucional. Daí, fui me afastando da igreja institucional. Eu já fui uma pessoa de ir à missa todo dia, fazia catecismo, ensinava para os meninos, cantava, animava a missa e tudo o mais, mas você vai olhando a igreja institucional e vai vendo que não é bem aquilo. Hoje a gente tem possibilidades de conhecer mais todos os escândalos do Vaticano, a relação do Vaticano com o dinheiro, o significado do Estado do Vaticano. Eu vi, na Conferência de Durban, o embaixador do Vaticano, junto com os Estados Unidos e com a União Europeia, renegando todos os direitos humanos que tinham sido constituídos ao longo dos últimos cinquenta anos.

Fato semelhante aconteceu agora na Rio+20...²²

Vera - Essa igreja institucional não tem nada a ver com aquela que eu acreditei. Aquela partia do evangelho vivido no nosso tempo. Não tem nada a ver. Mas tenho muito respeito por muitas pessoas que estão hoje atuando

nessa igreja, como Ivone Gebara, Marcelo Barros, Pedro Casaldáliga. Tenho igual respeito e reverência.

Fale um pouco sobre a organização da Rede de Mulheres de Terreiro em Pernambuco.

Vera - O processo de construção da rede teve dois vieses. De um lado, o nosso próprio terreiro. A gente estava aprofundando o conhecimento sobre as orixás femininas: Nanã, Obá, Ewá, Iemanjá, Oxum e Oiá. Por outro lado, na Uiala Mukaji, tínhamos colocado também entre as nossas finalidades o fortalecimento das mulheres negras vinculadas à religiosidade de matriz africana. No terreiro, Maria Helena sugeriu que pudéssemos então marcar um dia e convidar as mulheres de outros terreiros que tivessem



igual entendimento para conversar sobre as mulheres do Candomblé, sobre a situação das mulheres. Enquanto na Bahia, a maioria dos terreiros são matriarcais, aqui (em Pernambuco) a maioria dos terreiros são patriarcais, e há uma luta muito grande para colocar a mulher sempre no lugar secundário. Essa contradição era presente no cotidiano das mulheres de terreiro. Quando relacionamos, havia quase cem mulheres. Isso aqui já dá um encontro. E por que não? Nesse momento, eu, que era da Uiala Mukaji, disse: “Nós também queremos fortalecer as mulheres de terreiro. Então por que a gente não junta o nosso terreiro ao Uiala Mukaji e faz o encontro?” Marcamos uma data, organizamos tudo e convidamos as mulheres, marcamos no mês de julho (2007), que é o mês de Oxum. Para nós, ela é muito importante, porque, na história das orixás femininas, elas tinham uma sociedade secreta só de mulheres. Na avaliação desse encontro, Maria Helena deu a ideia de nos constituirmos em rede de mulheres de terreiro, mas não estava proibida a participação dos homens. No primeiro encontro, a gente deu uma radicalizada – era só de mulheres –, mas deu confusão com alguns babalorixás. Ficou quase como a sociedade Elecô, que era uma sociedade secreta de mulheres das próprias orixás, sob a regência de Oxum, e também a regência de Obá, que é uma orixá considerada guerreira. Então pedimos aos homens para sair. Eles não participaram do nosso encontro. Eles ficaram muito aborrecidos e foi um ano inteiro para desmanchar isso. Apanhamos demais, eles falaram tudo que podiam falar da gente, a começar que estávamos dividindo o Candomblé de Pernambuco. A ideia é juntar Candomblé, Umbanda e Jurema, mas somente as mulheres. E passamos a nos

reunir uma vez por mês, de forma itinerante, nos vários terreiros, e a fazer um grande encontro anual. Já estamos no sexto encontro. Nós, da Uiala Mukaji, deixamos todo o resto e ficamos concentradas na Rede de Mulheres de Terreiro. Não somos muitas, todas nós trabalhamos em outras coisas.

A Uiala Mukaji é uma organização militante? Vocês não têm ninguém profissionalizada?

Vera - Todas trabalham em outras coisas para sobreviver. A gente tem a maior dificuldade de se juntar. Aí decidimos que íamos fortificar a Rede de Mulheres de Terreiro, já que tínhamos colocado, dentre as nossas finalidades, fortalecer as mulheres negras das religiões de matriz africana, dar visibilidade positiva, né?

E qual é a relação de tudo isso com a Articulação Nacional de Organizações de Mulheres Negras? Tem alguma relação direta ou são dois processos distintos, de organização de mulheres negras, que seguem em paralelo?

Vera - Seguem em paralelo. A primeira Rede de Mulheres de Terreiro foi aqui em Pernambuco. A partir daqui, a gente fez relação com o pessoal da Bahia, agora já tem também na Paraíba e no Ceará. Nesse sexto encontro, veio um pessoal de São Paulo e do Rio. A criação da Rede das Mulheres de Terreiro trouxe para o movimento negro muitas mulheres, porque nem todas que estão no movimento negro são de Candomblé e, entre as do Candomblé, pouquíssimas participavam do movimento de mulheres. Então é uma forma bem específica de organização, mas uma fortifica a outra. Com certeza isso fortalece o movimento, a Articulação Nacional de Mulheres Negras e o Fórum também.

Como é que você vê essas duas articulações nacionais: a Articulação de Organização de Mulheres Negras e o Fórum Nacional de Mulheres Negras?

Vera - Na verdade, elas se constituíram distintamente por conta mesmo da visão política daquelas que eram as maiores lideranças, mas nós nos encontramos em muitos espaços. Por exemplo, estamos juntas no Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e a gente sempre está junto, porque uma fortalece a outra, porque, na verdade, queremos fortalecer o sujeito mulher negra, cada uma tomando o seu viés, o seu caminho próprio. Nós temos diferenças, mas não temos antagonismo. Cada uma tem um caminho próprio, a Articulação reúne ONGs e o Fórum agrega mulheres independentes, e trabalha muito com as quilombolas, especialmente em Goiás.

Como é que você vê hoje os desafios para um feminismo negro ou para um feminismo antirracista?

Vera - O feminismo antirracista é uma construção teórica também, né? Mas não é só uma construção teórica. Eu acho que o grande desafio está em podermos trocar as nossas bandeiras de luta na prática, no cotidiano. E nós, do movimento negro, e, sobretudo, da organização das mulheres negras, sentimos, em alguns momentos, que o movimento feminista precisava estar mais junto da gente. Na Conferência,²³ teve a questão do eixo 9 e foi pau. E da mesma maneira o movimento de mulheres negras tem um compromisso com as bandeiras que são do feminismo. O movimento feminista é antirracista, mas, muitas vezes, se nós, mulheres negras, não estivermos presentes para levantar aquelas que são as demandas específicas, elas não entram. Claro que o movimento tem bandeiras específicas

múltiplas. Tem das mulheres do campo, das mulheres urbanas, das lésbicas, das sindicalistas, das acadêmicas, das autônomas, tem de todo o mundo. Eu sei que não é uma coisa fácil, mas nos ressentimos disso. Muitas mulheres negras organizadas não querem participar do movimento feminista porque acham que o movimento feminista não é um movimento de negros, acham que as bandeiras que as mulheres negras empunham hoje não são bandeiras empunhadas, da mesma forma, por nós, feministas negras. Eu acho que esse é o grande desafio. Com certeza, se nós olharmos alguns anos para trás, veremos que tem uma caminhada, hoje já é completamente diferente, e acreditando que, cada vez mais, essa aliança tende a crescer.

Quais são hoje as lutas prioritárias e os desafios da Articulação Nacional das Mulheres Negras?

Vera – Eu acho que o nosso primeiro e maior desafio é aquele que faz com que as mulheres negras se entendam como sujeito de direitos, cidadãs, como sujeito político. Um segundo grande desafio é a nossa organização, porque somos 51% da população brasileira, negros e negras, mas não estamos organizados/as. Depois acho que a gente tem ainda a luta contra a invisibilidade, porque hoje temos negros que estão nos mais diferentes espaços, contribuindo na construção do conhecimento, mas não são visibilizados como tal, mesmo com todo esforço que vem sendo feito nos últimos anos, com a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as, mas que tem de “matar mais de um leão por dia” para estar naquele lugar. E tem outro desafio imenso: o problema que é o extermínio da juventude negra.

“O nosso primeiro e maior desafio é aquele que faz com que as mulheres negras se entendam como sujeito de direitos, cidadãs, como sujeito político.”

Em um dado momento de sua história, você decidiu ser candidata pelo Partido dos Trabalhadores a um cargo eletivo. Como foi que isso aconteceu?

Vera - Eu fui candidata duas vezes. Fui candidata em 1988 a vereadora do Recife. Quero logo dizer que, quando fui candidata, não tinha aquela convicção, aquela vontade de ser candidata (*risos*). A primeira, em 1988, fui realmente para ajudar o PT e também porque eu dizia que tinha de ter mulher negra na história. Tive uma votação muito significativa; se não fosse a matemática eleitoral, eu teria sido eleita, mas, com meus votos, ajudei a eleger João Paulo (Lima e Silva) pela primeira vez, pois ele não teria sido eleito vereador se não tivesse meus votos. Fui bem votada sem ter vendido minha alma. Fui procurada por pessoas de outro partido, que se comprometeram a bancar minha candidatura para a gente conversar depois de eleita, mas eu queria me eleger de uma forma limpa, não vendendo minha consciência. E a mesma coisa foi em 2002: fui convencida de que o momento era outro. Era conhecida, tinha de ir. E eu, não mais convencida que na primeira vez, fui candidata à deputada estadual. Mas dessa vez, houve um problema muito grave com a produção de material de campanha que acabou me prejudicando. Agora não vou mais botar a minha

energia nisso, e sinto muita energia ainda. Quero colocar minha energia em outro lugar, não nisso, porque você fica muito decepcionada, fica mal. Cada vez que entrei na disputa, entrei dizendo: “Nessa disputa eu posso ter êxito ou não”. O êxito é ser eleita ou não ser eleita. Não entrei em ‘deprê’, porque não ganhei. Estava preparada para ganhar ou perder, mas não estava preparada para jogo baixo.

Além do problema com a publicação da propaganda de campanha, você teve outros problemas na campanha eleitoral?

Vera – Eu fui muito beliscada, muito advertida por meus companheiros concorrentes do PT de que tinha de mudar o discurso, porque dizia que queria mudança de transformação na sociedade, mas tinha consciência de que não era vereador nem deputado que ia transformar a sociedade – quem ia transformar era o povo organizado. Então levei muito beliscão por conta dessa frase. Mas até hoje não desisti dela, não. Quem transforma a sociedade é o povo organizado mesmo.

“Tinha consciência de que não era vereador nem deputado que ia transformar a sociedade – quem ia transformar era o povo organizado. Então levei muito beliscão por conta dessa frase. Mas até hoje não desisti dela, não.”

Notas

¹ Paul Gauthier (1914-2002) saiu da França rumo à Palestina na década de 1950, e trabalhou como carpinteiro em Nazaré e Belém. Ele formou uma comunidade que ficou conhecida como Companheiros e Companheiras de Jesus Carpinteiro.

² Medellín (Colômbia) e Puebla (México): duas das conferências gerais de bispos da Igreja Católica latino-americana. (N.E.)

³ Ação Popular e VAR-Palmares foram organizações políticas de esquerda, clandestinas, atuantes na luta contra a ditadura militar que se instalou no Brasil com o golpe de 1964. (N.E.)

⁴ Referências a bairros da cidade do Recife (PE). (N.E.)

⁵ JEC – Juventude Estudantil Católica (N.E.)

⁶ A Aliança Libertadora Nacional (ALN) era outra organização política de esquerda atuante na luta contra a ditadura militar. (N.E.)

⁷ Referências a praias do litoral da Região Metropolitana do Recife. Maria Farinha, em Paulista; Rio Doce, em Olinda. (N.E.)

⁸ Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais, processo que impulsionou a construção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e vários movimentos populares nacionais. (N.E.)

⁹ Celerino Carricone, um dos criadores do Centro Nordestino de Medicina Popular (CNMP), uma forte referência em saúde popular no Recife (PE). (N.E.)

¹⁰ Bairro da Zona Norte do Recife. (N.E.)

¹¹ Entoes - Encontro Nacional de Trabalhadores/as em Oposição à Estrutura Sindical, prévios aos Encontros Nacionais das Classes Trabalhadoras (Enclats). (N.E.)

¹² Referência a uma brincadeira de carnaval na qual muitas pessoas entram embaixo de uma espécie de toldo colorido no formato de cobra (alguns fazem com dragão) e saem pelas ruas ao som de uma banda de frevo. (N.E.)

¹³ Bairro da Zona Norte do Recife. (N.E.)

¹⁴ O Jornal dos Bairros circulou entre 1978 e 1980, sendo vendido nos bairros a um valor simbólico. A produção era resultado do empenho de um grupo de militantes (entre os quais, Vera Baroni), que fundou a “Editora Nossa” para viabilizar o periódico.

¹⁵ Uiala Mukaji – Organização das Mulheres Negras, grupo de mulheres de Pernambuco. (N.E.)

¹⁶ Ana Bosch é do Grupo de Teatro Loucas de Pedra Lilás e militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco. (N.E.)

¹⁷ Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas, Durban, 2001. (N.E.)

¹⁸ Sueli Carneiro e Nilza Iraci integram o Geledés - Instituto da Mulher Negra; Luiza Bairros é a atual ministra-chefe da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

¹⁹ Inaldete Pinheiro é militante dos movimentos negro e feminista. (N.E.)

²⁰ Referência ao Afoxé Oya Tokolê, que faz parte do terreiro.

²¹ Lúcia Xavier, da Criola, uma organização de mulheres negras com sede no Rio de Janeiro (RJ).

²² Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente, que ocorreu no Rio de Janeiro, em junho de 2012. (N.E.)

²³ Refere-se à III Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (CNPM), na qual o eixo 9 do Plano Nacional de Políticas para Mulheres foi motivo de controvérsia, em especial entre os distintos movimentos e os órgãos públicos. O eixo 9 trata do combate à lesbofobia e ao racismo. (N.E.)